

.VIII

A necrópole da Idade do Ferro do
Convento da Graça, Tavira

Ana Margarida Arruda*
Jaquelina Covaneiro**
Sandra Cavaco**

Resumo

Os trabalhos arqueológicos levados a efeito no Convento da Graça permitiram identificar parte de uma necrópole da Idade do Ferro. Trata-se de incinerações em urnas de tipo Cruz del Negro, idênticas, em rito e forma, a outras do Ocidente peninsular, concretamente da área tartéssica. A sua existência num sítio onde existe uma extensa ocupação de características orientais permite discutir a adscrição cultural de necrópoles deste tipo a grupos sociais concretos.

Abstract

The archaeological work carried out in the Convento da Graça (Tavira) allowed the identification of an Iron Age necropolis. Incineration urns of Cruz del Negro type, identical in form and ritual of others of the West Iberian Peninsula, specifically from the tartessian area, were found and excavated. These finds, in a site where an oriental and phoenician Iron Age occupation is well known, are discussed in the context of the traditional interpretation of this necropolis type. We propose another social and cultural point of view about the social group that was buried in these type of cemetery.

* UNIARQ. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras, 1600-214 Lisboa, Portugal.

** Câmara Municipal de Tavira.

** Câmara Municipal de Tavira.

As escavações e as sondagens, que tiveram sobretudo lugar no Claustro e na Cerca do Convento, puseram à vista estruturas habitacionais de época islâmica, concretamente do século XIII (Covaneiro e Cavaco, 2005) (Fig. 2), ainda que

1. Introdução

A transformação do convento de Nossa Senhora da Graça, em Tavira, em unidade hoteleira (Pousada da Enatur) obrigou à concretização de trabalhos de arqueologia, que se consubstanciaram em sondagens prévias e de diagnóstico, escavação em área, e acompanhamentos (Fig 1). Tais trabalhos, dirigidos por arqueólogos do gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Tavira, concretamente por duas das signatárias deste trabalho (JC e SC), revelaram ocupações humanas anteriores à construção do convento, erguido no século XVI e com reforma Barroca.



Fig. 2: Vista geral da escavação na área da cerca do Convento, sendo visíveis as estruturas islâmicas.



Fig. 1: O Convento de Nossa Senhora da Graça (Tavira).

em níveis de entulho tenha sido recuperado um fragmento de cerâmica grega dos finais do século VI/inícios do IV a.n.e., pertencente a um *Skyphos* decorado em estilo *Saint Valentin* (Barros, 2003).

Os acompanhamentos das obras na área envolvente, destinados a minorar os impactos negativos sobre o património arqueológico que a abertura de valas para a instalação de diversas infra-estruturas (ligação à rede de esgoto, escoamento de águas pluviais, rede telefónica e eléctrica e ligação a bocas de incêndio) (Fig. 3), resultaram na descoberta de urnas contendo restos de incinerações, datáveis da Idade do Ferro.



Fig. 3: Vala na encosta oeste da Colina de Santa Maria, para a implantação de infra-estruturas.

Tavira localiza-se no Sul de Portugal, Algarve litoral, na margem direita do rio Gilão, junto à sua foz (Fig. 4).

A ocupação antiga implantou-se numa colina de baixa altitude (cerca de 30 metros), a colina de Santa Maria, sobranceira à foz do rio, tendo-se a partir dela um excelente domínio visual (Fig. 5).

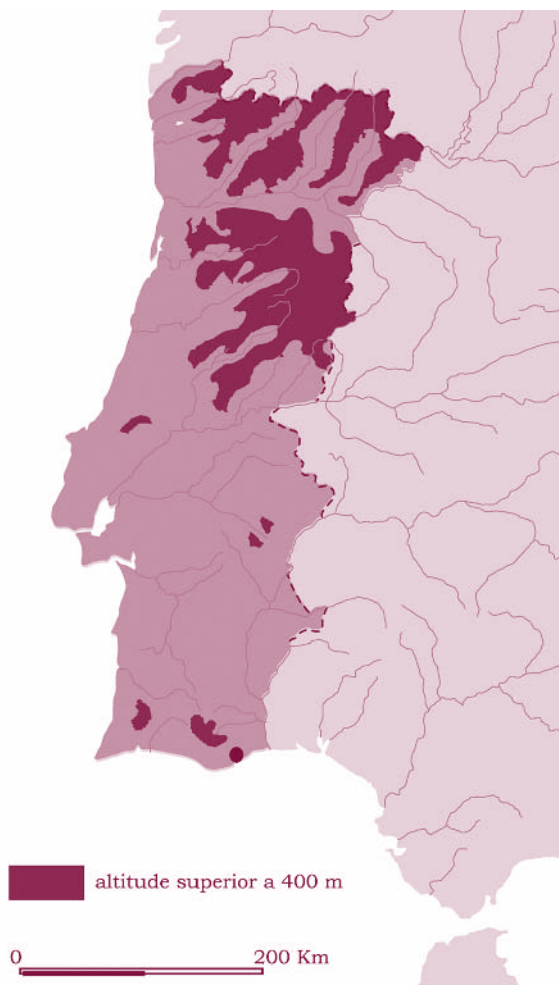


Fig. 4: Tavira no território actualmente português.



Fig. 5: Reconstituição do paleo-estuário do rio Gilão, segundo Maia (2003).

Durante a primeira metade do 1º milénio a.n.e., a colina de Santa Maria foi ocupada com considerável intensidade, podendo essa ocupação ser relacionada com a colonização fenícia ocidental. Com efeito, os dados que as escavações que, nos últimos 10 anos, têm vindo a ser realizadas no sítio pelo Campo Arqueológico de Tavira têm fornecido espólios e estruturas associados ao mundo mediterrâneo e oriental (Fig. 6).

Infelizmente, trata-se de escavações ditadas pelas regras que a Arqueologia em área urbana impõe. As áreas escavadas não são amplas e a grande diacronia da ocupação, com especial incidência na época islâmica, dificulta leituras horizontais e espaciais, bem como a percepção da verdadeira funcionalidade de algumas estruturas já escavadas.

O aparecimento de urnas de tipo Cruz del Negro na área do Convento de Nossa Senhora da Graça, junto ao sopé da encosta Norte-ocidental da colina de Santa Maria, que indica a existência de uma necrópole de tipo dito «tartéssico», permite que a discussão sobre o real significado desta ocupação da Idade do Ferro se alargue, sem que possam esquecer-se os verdadeiros protagonistas das alterações ocorridas nos territórios do Extremo Ocidente, não só em termos tecnológicos, mas também culturais.

2. Tavira: a ocupação da Idade do Ferro

Até há poucos anos, nada se sabia da ocupação antiga de Tavira. Apenas o topónimo Balsa, conhecido pelas fontes clássicas, e grafado em epígrafes e numismas de época romana, e que foi muitas vezes associado ao actual núcleo urbano algarvio, permitia admitir que aqui existiria uma ocupação pré-romana. No entanto, a ausência de escavações arqueológicas e de quaisquer vestígios no local favoreceu o esbatimento progressivo dessa hipótese, ao mesmo tempo que ganhava corpo aquela que associava o topónimo à Quinta de Torre d'Ares, de onde eram provenientes, para além de restos imponentes de edifícios romanos e de abundantes materiais, as famosas epígrafes onde estavam registados os povos balsenses.

Como já referimos, nos últimos 10 anos, intervenções no terreno, diversificadas espacial-



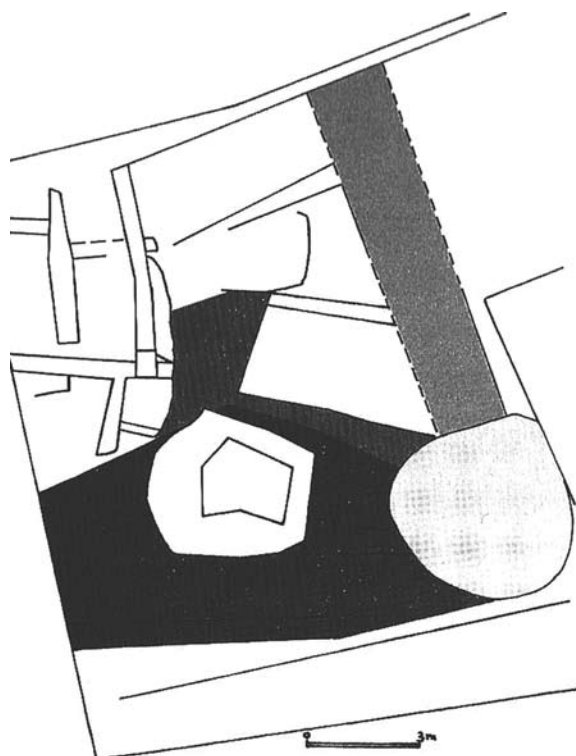
Fig. 6: Planta da área urbana de Tavira com a localização das áreas onde se identificaram vestígios datáveis da 1ª metade do I milénio a.n.e.

mente no centro histórico da cidade, concretamente na colina de Santa Maria, vieram alterar consideravelmente o panorama conhecido, havendo dados em número suficiente para aceitar que o topónimo Balsa correspondeu, efectivamente, ao sítio localizado na foz do Gilão. Não é este o momento para discutir o significado desse topónimo, ainda que a sua associação directa a um teónimo (BAAL), como tem vindo a ser proposto (Maia e Silva, 2004), mereça atenção, justamente pela raridade da situação, mesmo atendendo à situação de SPAL (Correa, 2000).

O que neste trabalho nos importa destacar é o tipo de estruturas que têm vindo a ser identificadas e quais os materiais que a elas se associam.

Em Netos, local a uma cota de 8 metros que acompanha a colina do lado Sudoeste, foi posta a

descoberto uma muralha com casamatas e pas-sadiços (Fig. 7), com bons paralelos em La Fonteta (Gonzalez Prats, Ruiz Segura e Garcia Menarguez, 1999; Rouillard *et al.* 2007) e no Castillo de Doña Blanca. Possui uma espessura máxima de 9,5 metros, tendo sido datada dos finais do século VII a.n.e. (Maia 2000, Maia, 2003, Maia e Silva, 2004).



Planta n.º 1

- Muralha Fenícia 1
- Muralha Fenícia 2
- Muralha Fenícia 3
- Torre Fenícia

Fig. 7: Planta da muralha identificada em Netos, segundo Maia (2000).

A cerca de 20 metros desta muralha, no palácio dos Cortes Reais, foi escavado parte de um edifício, cuja parede Norte evidencia características que permitem admitir a monumentalidade do mesmo (*Ibidem*). O edifício parece ter estado em funcionamento nos finais do século VII a.n.e., ainda que as observações estratigráficas sugiram que a

sua construção tenha sido iniciada um pouco antes (*Ibidem*).

Mas neste mesmo local foram identificadas áreas de processamento de minério e actividades metalúrgicas de alguma dimensão, estando registados fornos, copelas, escórias e *toberas* (*Ibidem*). Registe-se ainda o aparecimento de um fragmento de bordo de uma taça de cerâmica cinzenta, onde quer na face externa quer na interna se identificaram caracteres fenícios (*Ibidem*) (Fig. 8). Tudo indica que se trata de um documento administrativo, com anotações numéricas e que a caligrafia é boa, sugerindo a de um escriba (*Ibidem*). Como Maria Maia notou, em meados do século VII a.n.e. existiam em Tavira pessoas que escreviam com o alfabeto e língua fenícios, e outras que os leriam e compreenderiam (*Ibidem*).

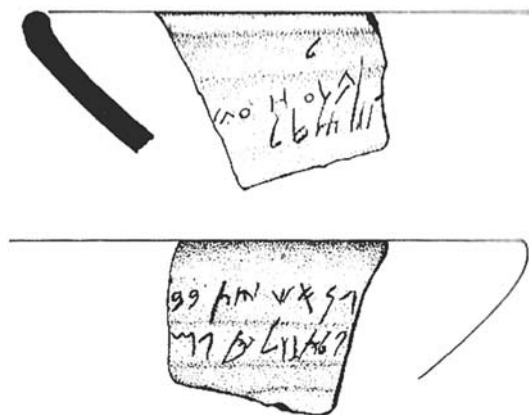


Fig. 8: Inscrição fenícia sobre cerâmica cinzenta, segundo Maia (2003).

Mais raros e difíceis de interpretar são as construções do Palácio da Galeria (*Ibidem*). Trata-se de poços com diâmetros e profundidades variadas, de que foram escavados três (Fig. 9). O maior, com três metros de profundidade por quatro de diâmetro, apresentava, a cerca de 60 cm do fundo, a abertura que dava acesso a uma câmara, que não foi contudo objecto de escavação arqueológica integral. Ainda assim, verificou-se que esta possui 2,40 m de extensão e 70 cm de altura por 80 de largura. Esta câmara ou pequeno corredor subterrâneo dá acesso a uma outra abertura que comunica com o poço 2 (Fig. 10 e 11).

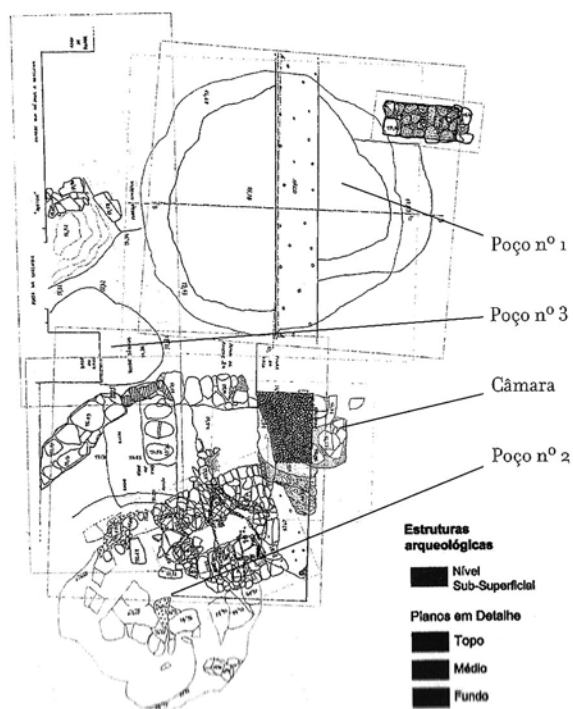


Fig. 9: Planta dos "poços" do Palácio da Galeria, segundo Maia (2003).



Figura nº 4 – Corte do Poço nº 1

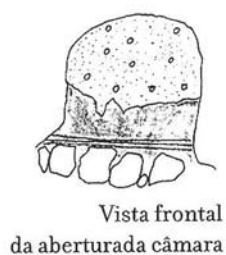


Fig. 10: Corte e vista frontal do "poço" nº 1 do Palácio da Galeria, segundo Maia (2003).

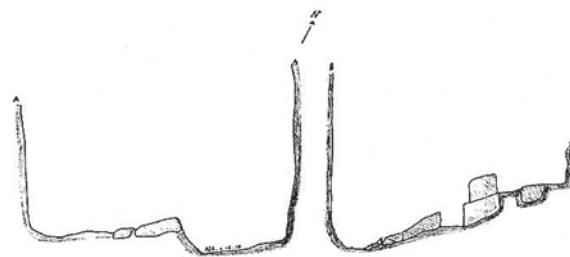


Figura nº 5 – Perfis do Poço nº 2

Fig. 11: Cortes do "poço" nº 2 do Palácio da Galeria, segundo Maia (2003).

Tendo em conta os materiais arqueológicos recolhidos no interior deste monumento, a cronologia da construção destas estruturas não levanta aparentemente discussão, podendo localizar-se na segunda metade do século VII. Com efeito, quer a morfologia do jarro de boca de seta quer o tipo de ânfora, 10.1.2.1. (Fig. 12 e 13), e mesmo os pratos



Fig. 12: Jarro de boca de seta do Palácio da Galeria, segundo AAVV (2003).



Fig. 13: Ânfora do tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres do Palácio da Galeria, segundo AAVV (2003).

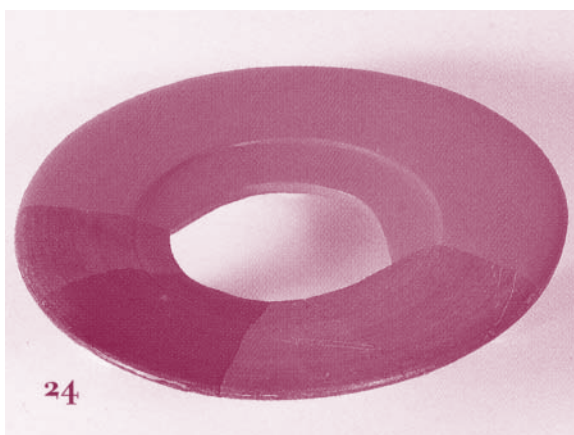


Fig. 14: Prato de engobe vermelho do Palácio da Galeria, segundo AAVV (2003).

de engobe vermelho e os *pithoi* (Fig. 14 e 15), encaixam bem em datas centradas em torno a 650. Mas deve destacar-se ainda não só o estado de conservação do conjunto dos materiais, mas também o carácter votivo e/ou funerário de espólio que estava associado no interior destes monumentos, concretamente ovos de avestruz pintados, objectos de marfim, *pebeteros*, ampolas, para além, naturalmente, do próprio vaso de boca de seta (Fig. 16 e 17).



Fig. 15: *Pithos* pintado em bandas policromas do Palácio da Galeria, segundo AAVV (2003).

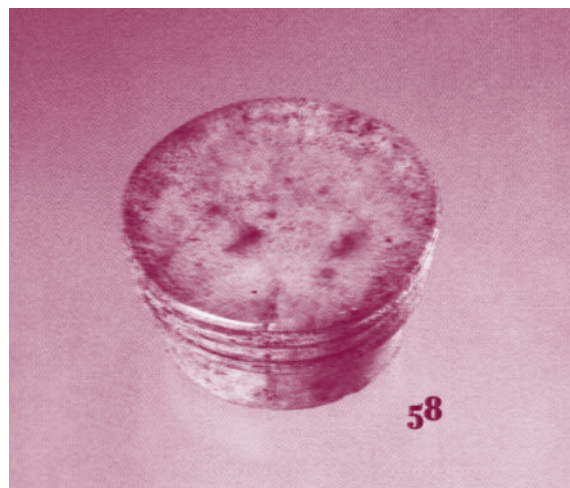


Fig. 16: Caixa de marfim do Palácio da Galeria, segundo AAVV (2003).



Fig. 17: Ampolla do Palácio da Galeria, segundo AAVV (2003).

Não é objectivo desta comunicação discutir a funcionalidade destes poços. Adiantamos contudo que foram interpretados como fazendo parte de uma necrópole, mas que a função cultural também foi já proposta (*Ibidem*). A primeira das possibilidades tem a seu favor a tipologia dos monumentos, em tudo semelhante ao que se verificou na necrópole da Laurita, em Almuñecar (Pellicer, 1962, 2007), mas também, de algum modo, na sepultura 18 de La Joya (Garrido e Orta, 1978). À semelhança de Tavira, no sítio do Sudeste os poços têm entre 2 a 5 metros e a existência de nichos ou câmaras, junto à base, também se verifica. A reconstituição do Túmulo 18 de La Joya (*Ibidem*) já foi de certa forma questionada (Torres Ortiz, 1999), mas a existência,

em Huelva, de uma sepultura com câmara e poço parece provável.

Por outro lado, o conjunto do espólio encontrado no interior destas estruturas constitui o «pacote» típico dos monumentos funerários fenícios do Mediterrâneo Central e Oriental, como é o caso, por exemplo, de Monte Sirai, ou dos da Costa de Málaga.

O que parece mais raro é a sua localização no interior do aglomerado urbano, situação que jamais ocorre em necrópoles fenícias ou tartéssicas, que se localizam sempre na periferia dos lugares de habitat. Esta circunstância, aliada ao facto de os poços do Palácio da Galeria comunicarem entre si, pode efectivamente permitir outras interpretações funcionais, das quais foi já destacada, por Maria Maia, a de *Bothroi*, ainda que a mesma autora refira que as duas possibilidades não seriam incompatíveis, e que estas construções podiam ter tido uma dupla funcionalidade (Maia, 2003, Maia e Silva, 2004). Tratar-se-ia de sepulturas, posteriormente sacralizadas e transformadas em lugar de culto (*Ibidem*). Uma outra função ritual poderia ainda ser equacionada se pensássemos que as estruturas poderiam corresponder a fossas fundacionais, ainda que o número de «poços» pareça, para esta interpretação, largamente exagerado.

Como atrás se referiu, não é nossa intenção discutir, com a profundidade que reconhecemos o assunto merece, estas interpretações. O que nos importa destacar aqui é que parece claro que, independentemente da função que desempenharam, os seus construtores, ou pelo menos os seus utilizadores, constituem população exógena e seguramente oriental. Quer a arquitectura, quer sobretudo os espólios falam expressivamente nesse sentido.

Ainda que seja verdade que se desconhece muito sobre a ocupação da Idade do Ferro de Tavira, e que não sabemos com exactidão a que correspondem percentualmente as cerâmicas de características orientais nos conjuntos dos materiais recuperados no sítio, a verdade é que parece ser possível afirmar que essa ocupação se iniciou na primeira metade do século VII a.n.e. e que é óbvia a sua relação directa com a colonização fenícia ocidental. Não podem hoje existir dúvidas sobre o facto de na colina de

Santa Maria terem vivido populações que tinham a sua primeira origem no Mediterrâneo oriental e que falavam e escreviam em língua e alfabeto fenícios, ainda que o sítio possa não ter correspondido a uma colónia.

3. A necrópole de urnas de tipo «Cruz del Negro»

Como já referimos na Introdução, a intervenção arqueológica concretizada no Convento de Nossa Senhora da Graça pela equipa de arqueologia da Câmara Municipal de Tavira tinha como principal objectivo a minimização do impacto sobre o património arqueológico em todas as áreas afectadas pela obra de adaptação do edifício religioso a pousada da Enatur, bem como conhecer as ocupações anteriores à construção do convento. Foram várias as intervenções arqueológicas realizadas, que tiveram que adaptar-se aos próprios ritmos e condicionalismos da obra.

Também já assinalámos que em algumas áreas a escavação foi em extensão (Claustro e Cerca), mas que em outras, porém, se limitou à abertura de valas para a instalação de diversas infra-estruturas (ligação à rede de esgoto, escoamento de águas pluviais, rede telefónica e eléctrica e ligação a bocas de incêndio).

Foi este justamente o caso da área envolvente do Convento, onde o trabalho arqueológico registou estruturas e materiais diversos e de ampla diacronia, apresentando-se aqui apenas os que se referem à Idade do Ferro. As valas foram abertas quer no sopé da colina, na encosta virada a poente, quer em cota ligeiramente superior (Fig. 18).

Na vala da encosta foram encontrados alguns materiais arqueológicos que não estavam, contudo, associados a nenhuma estrutura. Ainda assim foram todos recolhidos na mesma unidade estratigráfica e as suas características morfológicas indicam uma cronologia do século VI a.n.e. (Fig. 19 e 20).

No sopé, foram abertas duas valas, uma das quais proporcionou também a recolha de alguns materiais arqueológicos e a identificação de restos de construções de terra (taipa e adobe) e de alvenaria. Infelizmente, o enquadramento dos trabalhos não permitiu esclarecer plantas, nem sequer perspec-



Fig. 18: Vala para a implantação de infra-estruturas na envolvente do Convento de Nossa Senhora da Graça.

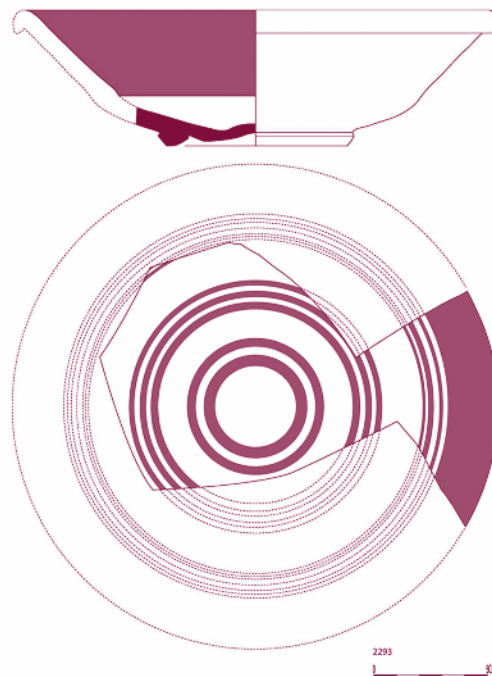


Fig. 19: Taça de engobe vermelho recolhida durante os trabalhos de acompanhamento de vala.

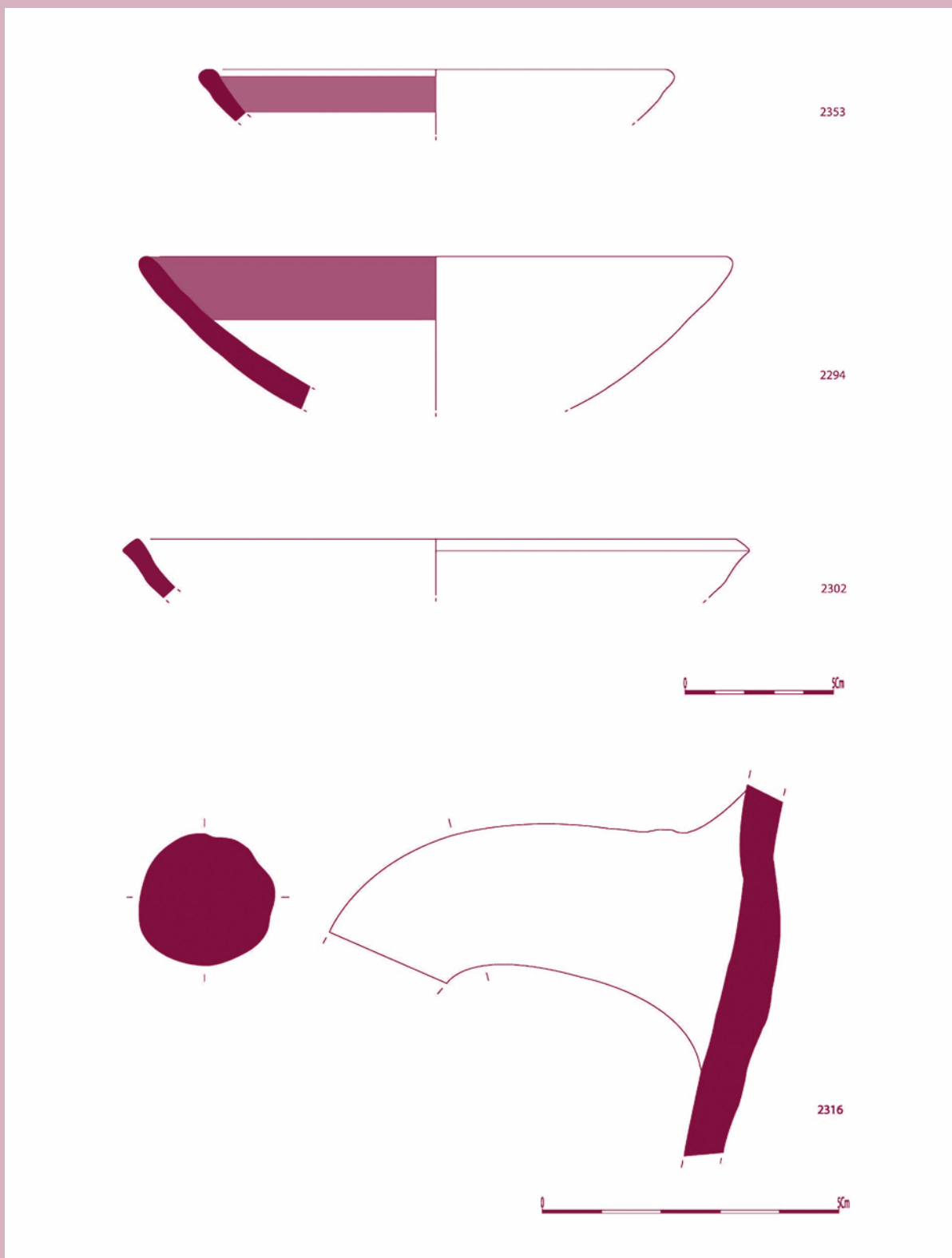


Fig. 20: Cerâmicas da Idade do Ferro recolhidas durante os trabalhos de acompanhamento de vala.



Fig. 21: Vista geral da necrópole de incineração do Convento de Nossa Senhora da Graça.

tivar a funcionalidade dos edifícios a que estariam associados.

Na outra vala, foi encontrada parte de uma necrópole de incineração (Fig. 21 e 22).

Uma das sepulturas, a nº 1, corresponde a uma simples depressão, ou pequena fossa, escavada no sedimento que continha uma urna com ossos e cinzas (Fig. 23).

Outras duas sepulturas foram escavadas. Numa delas, uma urna foi depositada sobre uma cavidade de contorno circular expressamente escavada na rocha. Trata-se da sepultura 2 (Fig. 24, 25 e 26).

No caso da sepultura nº 3, os restos da cremação foram colocados sem urna, numa depressão, de contorno circular e perfil semi esférico, escavada na rocha (Fig. 27).

Junto a esta sepultura, identificou-se uma estrutura de planta rectangular, também escavada na rocha, cujas dimensões totais não foi possível averiguar, no centro da qual existia uma pequena fossa circular (Fig. 28). Ambas estavam preenchidas por um sedimento de grão fino e solto, onde existiam diversos fragmentos cerâmicos, carvões e ossos

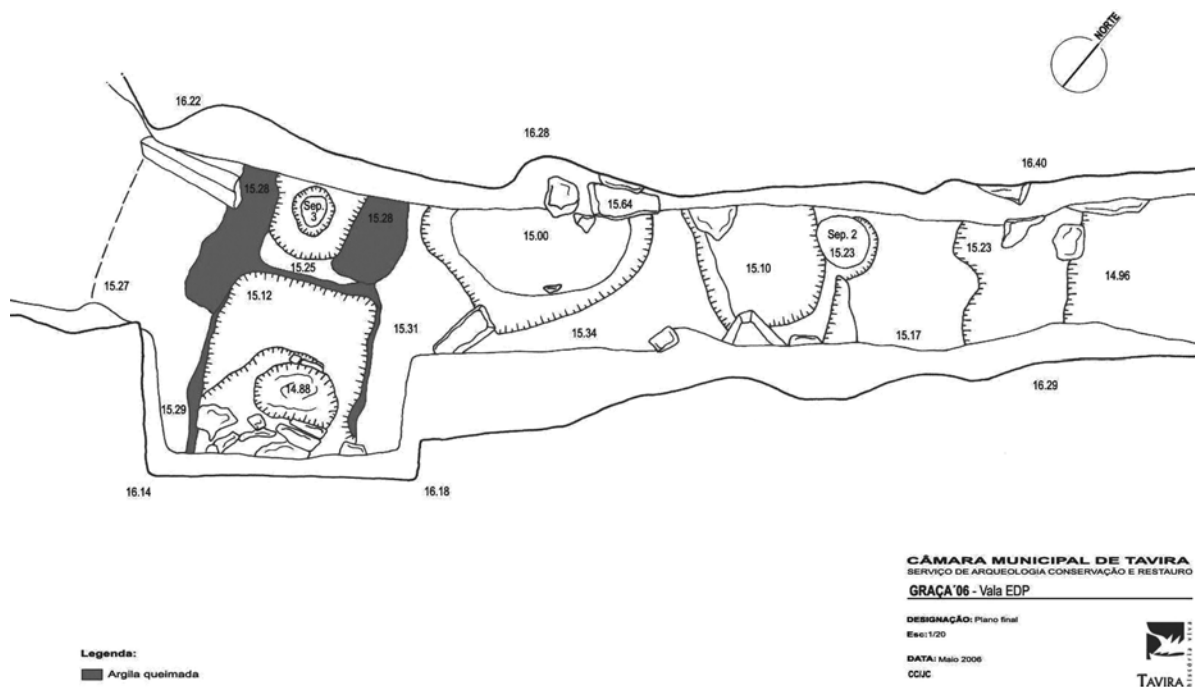


Fig. 22: Planta geral da necrópole de incineração do Convento de Nossa Senhora da Graça.

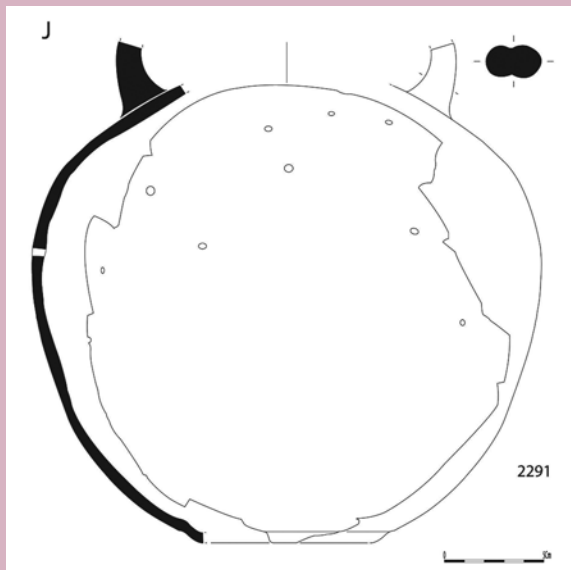


Fig. 23: Urna, sepultura 1.

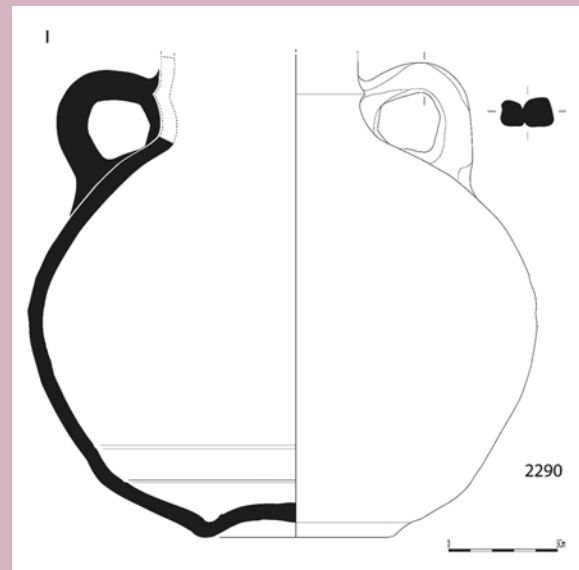


Fig. 25: Urna, sepultura 2.



Fig. 24: Sepultura 2.



Fig. 26: Restos de cremação da sepultura 2, no interior da urna.



Fig. 27: Incineração da sepultura 3.

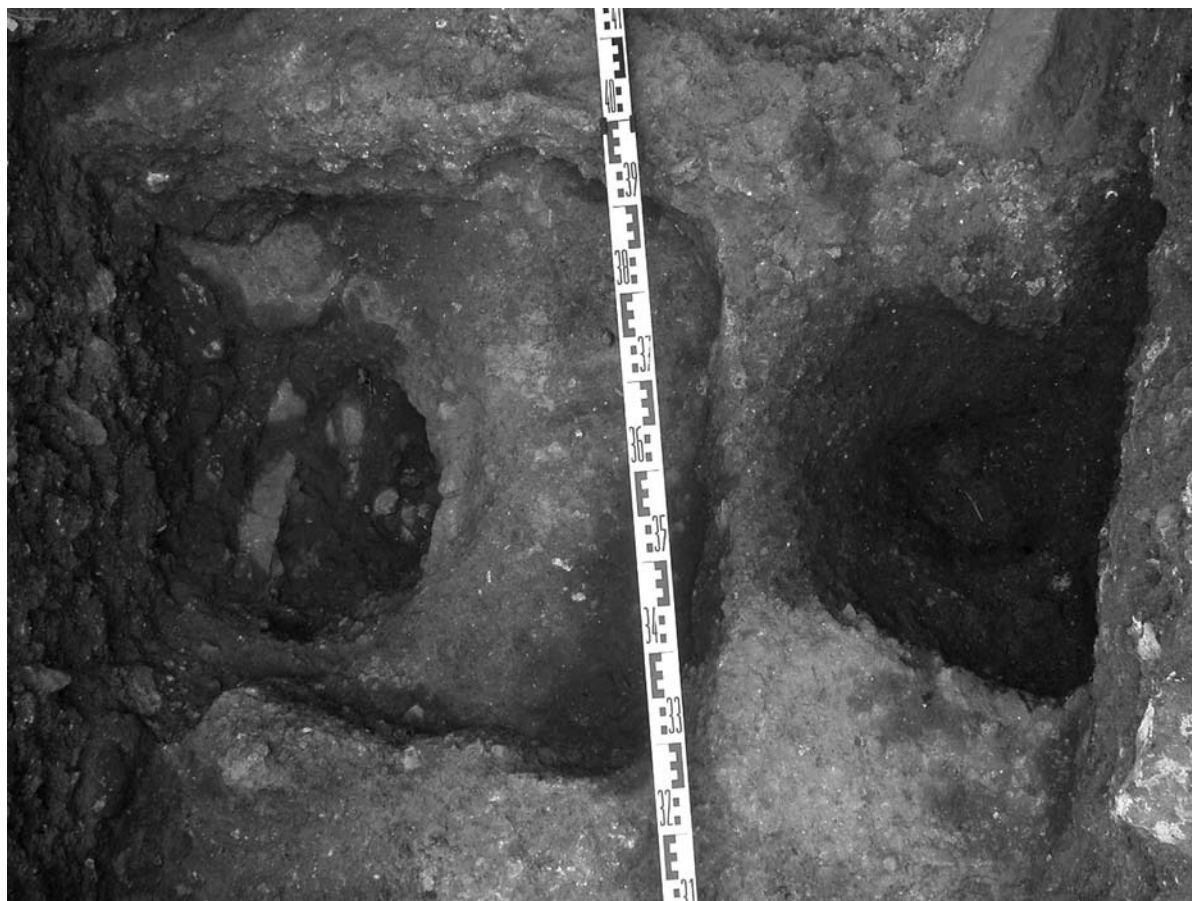


Fig. 28: Sepultura 4 (?), no interior de estrutura de planta rectangular.

calcinados. Tudo indica que se trata também de uma sepultura sem urna, ainda que os restos da cremação não estivessem tão bem «embalados» como no caso anterior.

Entre esta estrutura (possível sepultura 4) e a sepultura 3 existia um piso nivelado de argila que obriga a considerar a possibilidade de haver uma relação entre ambas.

Infelizmente, não foi possível, em tempo útil, efectuar o estudo antropológico. Não sabemos, portanto, nada acerca do género ou idade dos inumados, nem sequer se a cada um dos enteramentos corresponde um único indivíduo, ou se pelo contrário, e como tem vindo a ser detectado em várias outras necrópoles, a cremação terá sido suficientemente incompleta para que os restos sejam divididos por duas urnas.

O material arqueológico exumado é, relativa-

mente, escasso. Foram recolhidos alguns fragmentos cerâmicos e metálicos, de ferro e de bronze, bem como restos de fauna mamalógica, malacológica e de micro-fauna.

Também não foi possível ainda realizar qualquer datação de rádio carbono que possibilite atribuir uma cronologia relativamente precisa a esta necrópole.

Mas uma análise artefactual permite avançar com uma proposta de datação para estas sepulturas. Com efeito, e tendo por base a morfologia das urnas e dos poucos materiais directamente associados à necrópole, julgamos que uma datação centrada na segunda metade/finais do século VII a.n.e. é defensável (Fig. 29 e 30).

Seria certamente fastidioso referir aqui, com detalhe, todos os paralelos para este tipo de necrópole, bem como para as respectivas urnas.

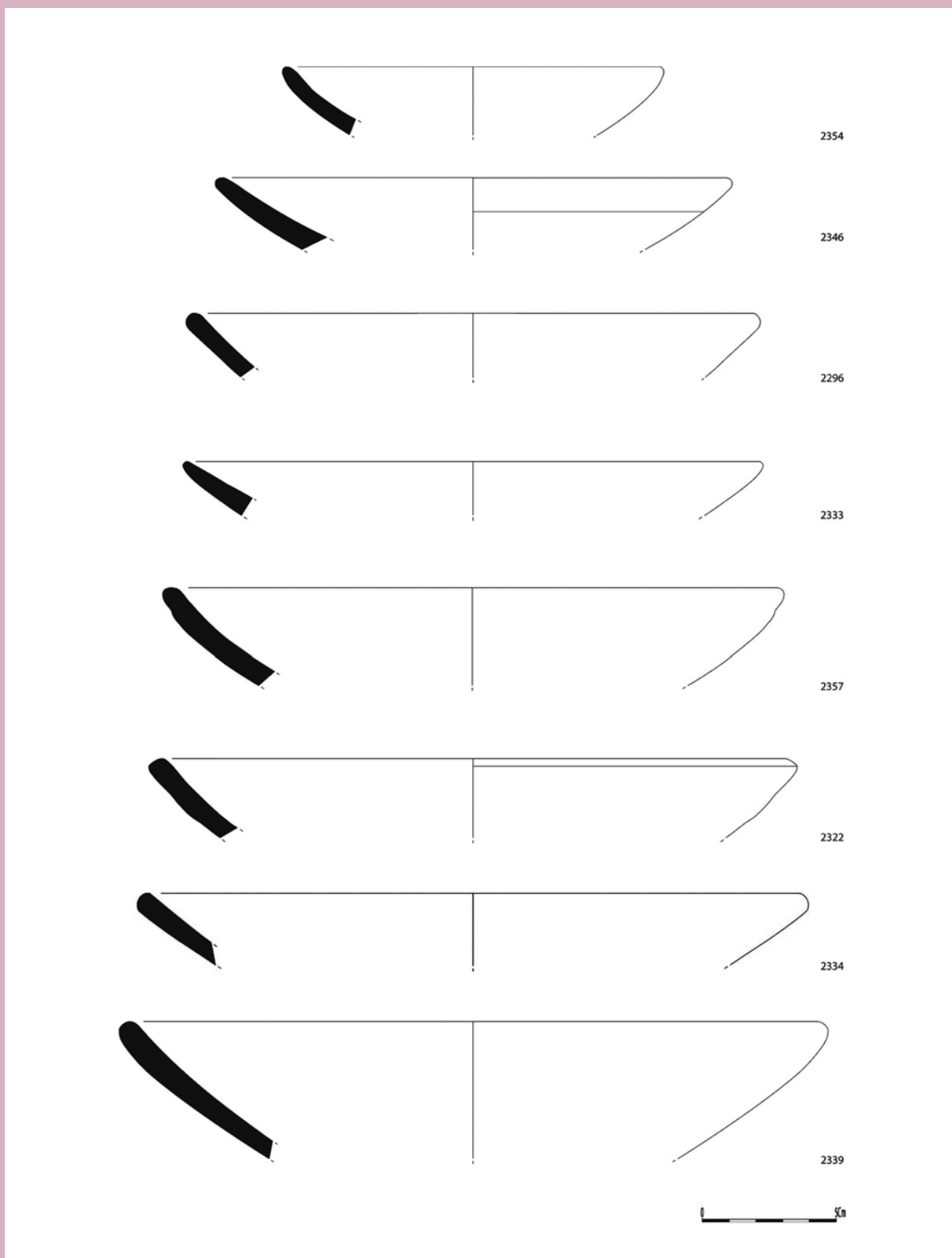


Fig. 29: Cerâmica cinzenta da necrópole do Convento de Nossa Senhora da Graça.

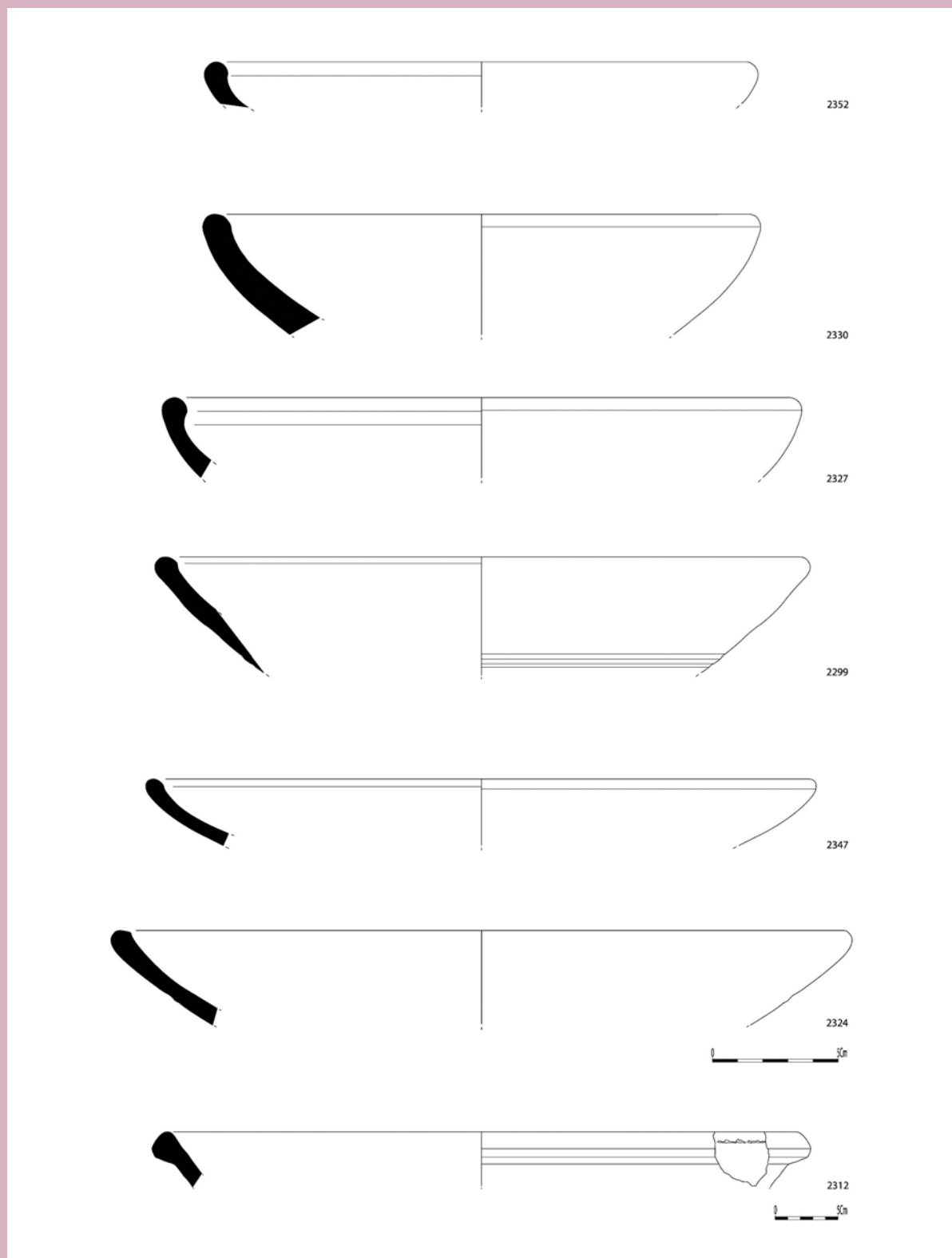


Fig. 30: Cerâmica comum da necrópole de incineração do Convento de Nossa Senhora da Graça.

Resta-nos pois referir que as necrópoles de incineração com urna de tipo «Cruz del Negro» colocada em cavidade escavada na rocha ou na terra são frequentes na área meridional do Ocidente peninsular, em Ibiza e no norte de África. Na Península Ibérica, Cruz del Negro (Gil de los Reyes *et al.*, 1991; Gil de los Reyes e Puya, 1995; Amores *et al.*, 1997; Amores e Fernández Cantos, 2000), Medellín (Almagro Gorbea, 1977; Almagro *et al.*, 2006), Acebuchal (Maier, 1996), Bencarrón (Maier, 1992; 1996; Sánchez Andreu e Ládrón Guevara, 2000) são bons exemplos, bem como Rachgoun (Vuillemot, 1955) para o território africano. Em Ibiza, concretamente em Puig des Molins este tipo de sepulturas é abundante (Gómez Bellard, 1990; Fernández Gómez e Costa, 2005), correspondendo ao grupo I de Jorge Fernandez Gomez Pantoja e Benjamin Costa, totalizando quase 61% do conjunto das sepulturas (2002).

Em Portugal as necrópoles sidéricas relacionadas com o mundo oriental ou orientalizante tartéssico não são abundantes, havendo contudo dados em Alcácer do Sal que suportam a existência de uma necrópole com urnas de tipo Cruz del Negro colocadas em pequenas cavidades escavadas no solo (Correia, 1928, Arruda, 1999/2000). Tudo indica que as duas urnas de Mértola são também provenientes de um contexto funerário, desconhecendo-se, contudo, o tipo de sepultura onde estariam colocadas (Barros, no prelo).

A abertura de cavidades artificiais para a deposição de cremações é também conhecida no Mediterrâneo Central, concretamente em Mozia, onde contudo as cavidades são de dimensão consideravelmente superior às ocidentais e de os restos ósseos terem sido depositados em caixas, ânforas ou peças cúbicas monolíticas e não em urnas do tipo aqui tratado (Tusa, 1972, 1978). Cartago é chamado à colação pelo facto de em Junon existirem deposições que não estão contidas em nenhum recipiente, tal como é o caso da nossa sepultura nº 3. Todavia, essas deposições são feitas em cavidades também artificiais, mas de dimensão e profundidade muito superiores às de Tavira, correspondendo ao tipo IV de Benichou Safar – Pozzi à incineration – (1982). Em Ibiza, há também registo destas deposições directas, onde aliás estão

particularmente bem representadas, correspondendo a 51% do total (Fernández Gomez Pantoja e Costa Mas, 2005).

4. Discussão

Em nosso entender, a descoberta desta necrópole em Tavira trouxe importantes dados para a discussão em torno da associação directa deste tipo de espaço funerário ao mundo tartéssico. Com efeito, e como é sabido, as necrópoles de incineração em urna de tipo Cruz del Negro foram sistematicamente associadas ao universo genético indígena (Torres Ortiz, 1999, 2002, 2005), mesmo que Carlos Wagner e Jaime Alvar (Wagner, 1995, Wagner e Alvar, 1989) tenham, por diversas vezes, considerado a possibilidade de as necrópoles do vale do Guadalquivir corresponderem a colonos fenícios.

Sabemos que a tese da colonização agrícola foi desmontada por muitos investigadores, que, embora reconheçam que as urnas de tipo Cruz del Negro foram efectivamente uma criação fenícia, entendem que o seu aparecimento não indica necessariamente a presença de fenícios enterrados nas mesmas, até porque estes fenícios não tinham mostrado, na Península, uma especial predilecção por esta forma. Nessa perspectiva, os enterramentos em urnas de tipo Cruz del Negro seriam de fenícios se estivessem acompanhados por jarros de boca trilobada, de boca de seta, lucernas e queima perfumes de dupla taça e pratos de engobe vermelho... Mas pertenceriam a tartéssicos se estivessem associados a cerâmicas cinzentas, fíbula de dupla mola, e fechos de cinturão... (Torres Ortiz, 2005).

A verdade é que aos dados conhecidos de Cádiz, de Cortijo de Montañez, da necrópole associada ao Cerro del Villar, e, sobretudo de Ibiza, juntam-se, agora, os de Tavira.

Julgamos ter podido demonstrar que no sítio algarvio existiu população oriental. Os materiais provenientes do Palácio da Galeria e do dos Cortes Reais, bem como a arquitectura registada em Netos e nos outros locais, apresentam características que tornam este dado inquestionável. Também não podem restar dúvidas sobre o facto de as sepulturas escavadas no Convento da Graça constituírem uma

necrópole correspondente ao núcleo urbano. Contudo, temos consciência de que esta necrópole seria facilmente classificada de tartéssica se acaso tivesse sido encontrada em data anterior às descobertas atrás mencionadas, não só pelo tipo de sepultura registado, como também pelo próprio espólio associado, nomeadamente a cerâmica cinzenta.

Evidentemente que estamos conscientes que estes dados de Tavira, Cádiz, Ibiza não invalidam a hipótese de muitos enterramentos em urna em outros sítios poderem corresponder a uma população indígena mais ou menos aculturada. Mas parece indiscutível que há efectivamente urnas Cruz del Negro que contêm os restos das cremações de fenícios, mesmo que o restante espólio não contenha lucernas, jarros de boca de seta e trilobada e queima perfumes de dupla taça.

O que parece imprescindível não perder de vista é o facto de os fenícios, assim como, aliás, os indígenas, não serem realidades uniformes, até porque os distintos indivíduos que compõem essa comunidade integraram certamente grupos sociais distintos. Os colonizadores não foram somente os aristocratas e os administradores que se sepultaram em Trayamar ou Almuñecar, por exemplo, mas foram também certamente os pequenos funcionários, os comerciantes, os artífices, os escribas, cujos ossos cremados podem ter sido depositados em urnas de tipo Cruz del Negro. Julgamos que a necrópole do Convento da Graça corresponde efectivamente a uma necrópole fenícia, mesmo que os fenícios que nela se sepultaram não integrassem o grupo dirigente que construiu e/ou se sepultou nos monumentos do Palácio da Galeria.

O estudo das comunidades coloniais não pode e não deve assumir apenas o discurso das suas elites, excluindo, à partida e à chegada, os grupos subordinados.

Bibliografia

ALMAGRO Gorbea, M. (1977) – *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*. Madrid: CSIC.

ALMAGRO Gorbea, M., (ed.) (2006) – *La necrópolis orientalizante de Medellín*. Madrid: Real Academia de la Historia.

AMORES, F., Aubet, M^a. E., Gil de los Reyes, M^a. S. e Puya, M. (1997) – Cambio cultural y mecanismos de transformación de la sociedad tartésica durante el Bronce Final y el Orientalizante en el Bajo Guadalquivir: el caso de Carmona, Setefilla y El Carambolo. 2.ª Campaña, 1992. Excavación sistemática en la necrópolis de la Cruz del Negro (Carmona, Sevilla). *Anuario Arqueológico de Andalucía*. Sevilla. 2, p. 154-158.

AMORES, F., Fernández Cantos, A. (2000) – La necrópolis de la Cruz del Negro (Carmona, Sevilla). In Aranegui, C., (ed.) – *Argantonio, rey de Tartessos*. Sevilla: Fundación el Monte, p. 156-163.

BARROS, P (2003) – As cerâmicas áticas de Tavira. In *Tavira: território e poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 73-75.

BARROS, P. (no prelo) – Mértola – Plataforma comercial durante a Idade do Ferro. In *Actas do VI Congresso Internacional de Estudos fenícios e Púnicos*. Lisboa

BENICHOU-SAFAR, H. (1982) – *Les tombes puniques de Carthage. Topographie, structures, inscriptions et rites funéraires*. Paris: Editions du Centre National de la Recherche Scientifique.

CORREA, J. (200) – El topónimo Hispal(is). *Phililogia Hispalenses*. XIV.

CORREIA, V. (1928) – Escavações realizadas na necrópole de Alcácer do Sal em, 1926 e 1927. O *Instituto*. Coimbra: Imprensa da Universidade 75: 2.

COVANEIRO, J. e Cavaco, S. J. (2005) – Casas islâmicas da Cerca do convento da Graça – Tavira. Notícia preliminar. *Arqueologia Medieval*. Lisboa: Afrontamento. 9, p. 78-82.

FERNÁNDEZ Gómez-Pantoja, F., Costa Mas, B. (2005) – Mundo funerario y sociedad en la Eivissa arcaica: una aproximación al análisis de los enterramientos de cremación en la necrópolis del Puig des Molins In Alfredo González Prats (ed.) *El mundo funerario (Actas del III Seminario Internacional sobre Temas Fenicios – homenaje al prof. D. Manuel Pellicer Catalán)*. Alicante. p. 315-407.

GARRIDO, J. P. e Orta, H. (1978) – *Excavaciones en la necrópolis de «La Joya», Huelva, II (3ª, 4ª y 5ª campañas)*. Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia. EAE, 96.

GIL de los Reyes, S., Puya, M., Viñuales, O., Luque, J. M., Maier, J., Franco, C. e Huecas, J. M. (1991)

- Informe preliminar sobre el resultado de la excavación de emergencia de la necrópolis tartésica de la Cruz del Negro (Carmona, Sevilla). *Anuario Arqueológico de Andalucía* 1989. Sevilla: Junta de Andalucía. 3, p. 611-612.
- GIL** de los Reyes, S.; Puya, M. (1995) – Excavaciones en la necrópolis de la Cruz del Negro (Carmona, Sevilla). In *Actes du IIe Congrès International des Études Phéniciennes et Puniques*. Tunis: Institut National du Patrimoine. II, p. 83-87.
- GÓMEZ** Bellard, C. (1990) – *La colonización fenicia de la isla de Ibiza*. Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia, EAE, 157.
- GONZÁLEZ** Prats, Ruiz Segura e García Menarguez, (1999) – La Fonteta, 1997. Memoria preliminar de la segunda campaña de excavaciones ordinarias en la ciudad fenicia de la desembocadura del río Segura (Guardamar, Alicante). In A. González Prats (ed.) – *La cerámica fenicia en Occidente: centros de producción y áreas de comercio (Actas del I Seminario Internacional sobre Temas Fenicios, Guardamar del Segura, 21-24 de noviembre de 1997)*. Alicante. P. 257-301.
- MAIA**, M. (2000) – Tavira Fenicia. O território para Ocidente do Guadiana nos inícios do I milénio a.C.. In A. González Prats (ed.) *Fenícios y territorio (Actas del II Seminario Internacional sobre Temas Fenicios)*. Alicante: Instituto Alicantino de Cultura, p. 121-150.
- MAIA**, M. (2003) – Fenícios em Tavira. In *Tavira Território e Poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. p. 57-72.
- MAIA**, M. e Silva, L. (2004) – O culto a BAAL em Tavira. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 20, p. 173-194.
- MAIER**, J. (1992) – La necrópolis de «La Cruz del Negro» (Carmona, Sevilla): excavaciones de 1900 a 1905. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la UAM*. Madrid. 19, p. 95-119.
- MAIER**, J. (1996) – La necrópolis tartésica de Bencarrón (Mairena del Alcor/Alcalá de Guadaira, Sevilla) y algunas reflexiones sobre las necrópolis tartésicas de Los Alcores. *Zephyrus*. Salamanca. 49, p. 147-168.
- PELLICER** Catalán, M. (1962) – *Excavaciones en la necrópolis púnica «Laurita» del Cerro de San Cristóbal (Almuñécar Granada)*. Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia. EA, 17.
- PELLICER**, M. (2007) – *La Necrópolis Laurita (Almuñécar, Granada) en el contexto de la colonización fenicia*. Cuadernos de arqueología mediterránea. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra. 15.
- ROUILLARD**, P., Gailledrat, E. e Sala, F. (2007) – *Fouilles de la Rabita de Guardamar del Segura (Alicante). L'établissement protohistorique de La Fonteta (fin VIIIe-fin Vie siècle av. J.-C.)*. Madrid: Casa de Velázquez.
- SANCHEZ** Andreu, M. e Ládrón de Guevara, I. (2000) – Necropolis del camino: sepulturas tipo Cruz del Negro en Bencarrón (Sevilla). In *Actas do IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Punicos*. Cádiz: Servicio de publicaciones de la Universidad. IV, p. 1895-1902.
- TORRES** Ortiz, M. (1999) – *Sociedad y mundo funerario en Tartessos*. Madrid: Real Academia.
- TORRES** Ortiz, M. (2002) – *Tartessos*. Madrid: Real Academia.
- TORRES** Ortiz, M. (2005) – Las necrópolis tartésicas. In A. González Prats (ed.) – In Alfredo González Prats (ed.) *El mundo funerario (Actas del III Seminario Internacional sobre Temas Fenicios – homenaje al prof. D. Manuel Pellicer Catalán)*. Alicante. p. 425-455.
- TUSA**, V (1972) – La necropoli arcaica e adiacenze. In Bevilacqua, F. et al. (eds.) *Mozia VII Rapporto preliminare della Missione congiunte con la Soprintendenza alle Antichità della Sicilia Occidentale. Studi Semitici*. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche. 40.
- TUSA**, V (1978) – La necropoli arcaica e adiacenze. In Ciasca, A. et al. (eds.) *Mozia VII Rapporto preliminare della Missione congiunte con la Soprintendenza alle Antichità della Sicilia Occidentale. Studi Semitici*. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche. 50.
- VUILLEMOT**, G. (1955) – La nécropole punique du Phare dans l'île de Rachoun (Oran). *Libyca*. 3 (1). p. 7-76.
- WAGNER**, C. G. (1995) – Fenícios y autóctonos en Tartessos. Consideraciones sobre las relaciones coloniales y la dinámica de cambio en el Suroeste de la Península Ibérica. *Trabajos de Prehistoria* 52 (1), p. 109-126.
- WAGNER**, C. G. e Alvar, J. (1989) – Fenícios en occidente: la colonización agrícola. *Rivista di Studi Fenici*. Roma. 17(1), p. 61-102.

